

# Inflação: um fantasma no caminho de Dilma

Emprego e renda contam a favor da presidente; mas conjuntura desfavorável pode levar à alta de preços

MARTHA BECK

marthavb@oglobo.com.br

**BRASÍLIA** A análise dos principais indicadores macroeconômicos do governo Dilma Rousseff mostra que boa parte deles piorou sensivelmente desde 2011, quando a presidente tomou posse. O Produto Interno Bruto (PIB, soma de bens e serviços produzidos no país), que chegou a crescer 7,5% em 2010, terminou o ano seguinte com alta de 2,7% e, em 2014, subirá 2,3% na melhor das hipóteses.

Ao mesmo tempo, o esforço fiscal despenhou, as contas externas sofreram uma deterioração e a inflação se acomodou próxima do teto da meta, de 6,5%. No entanto, economistas ouvidos pelo GLOBO afirmam que apenas um dos indicadores servirá como munição para os adversários de Dilma na campanha pela reeleição: a alta dos preços.

Segundo eles, a inflação é o único desses fatores concretamente percebido pela população. Eles destacam que a presidente tem a seu favor outros dois indicadores essenciais para os eleitores: renda e emprego. No governo Dilma, o salário mínimo, por exemplo, teve um aumento real de 18,3%. Já a taxa de desemprego prevista para o ano, de 5,1%, é uma das mais baixas da história.

## 'O QUE IMPORTA É O PADRÃO DE VIDA'

Foi apostando nisso que a presidente anunciou na véspera do Dia do Trabalho a correção de 4,5% na tabela do Imposto de Renda da Pessoa Física para 2015, um aumento dos benefícios do programa Bolsa Família, além de ter se comprometido com a manutenção da política de valorização do salário mínimo nos próximos anos, medidas com apelo popular, mas que também implicam aumento dos gastos públicos.

— Superávit primário (economia para o pagamento de juros da dívida pública) e contas externas são assuntos que interessam aos economistas, mas estão longe da realidade das pessoas. O que elas querem saber é se estão empregadas e se têm renda — afirma o ex-diretor do Banco Central e sócio-diretor da Schwartsman & Associados Consultoria Econômica, Alexandre Schwartsman.

O especialista em contas públicas Mansueto Almeida sustenta que o eleitor está preocupado mesmo é com a inflação:

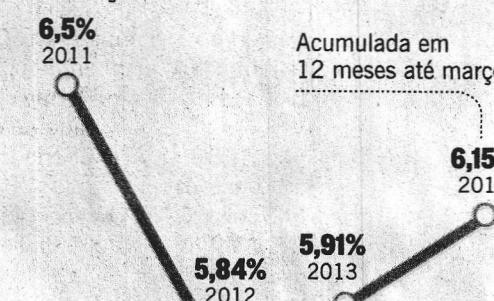
— O eleitor não se preocupa com quanto o governo gasta para pagar os juros da dívida pública. O que conta mesmo são renda, emprego e inflação.

A opinião é compartilhada pelo ex-diretor do BC e economista-chefe da Confederação Nacional do Comércio (CNC), Carlos Thadeu de Freitas:

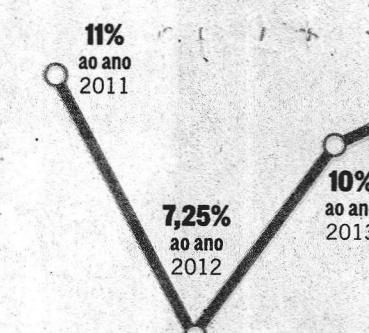
— Para as pessoas, o que importa é seu padrão de vida. A nova matriz econômica implantada pela equipe econômica não deu resultado, pois o PIB cresceu pouco e os juros tiveram que subir, mas nada disso afetou muito a qualidade de vida das pessoas. Já a inflação é

## O CENÁRIO DA ECONOMIA

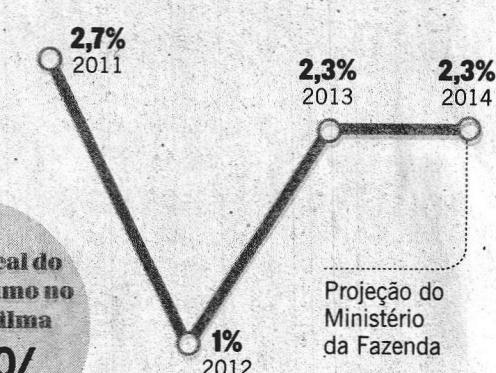
### INFLAÇÃO



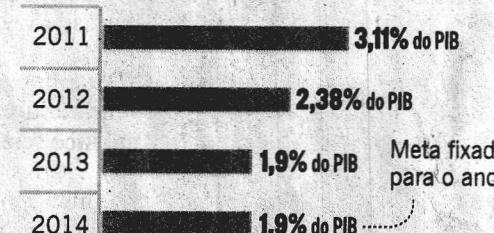
### JUROS (Selic ao final de cada ano)



### PIB

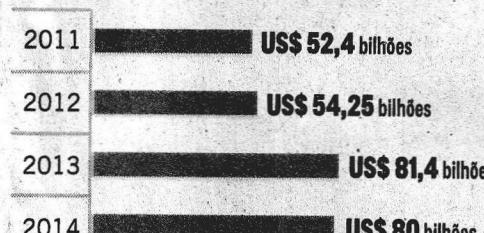


### SUPERÁVIT PRIMÁRIO (economia para o pagamento de juros da dívida pública)



Fonte: Banco Central, IBGE, Tendências

### CONTAS EXTERNAS (déficit em transações correntes)



### TAXA DE DESEMPREGO



“

O eleitor não se preocupa com quanto o governo gasta para pagar os juros da dívida pública. O que conta mesmo são renda, emprego e inflação.”

**Mansueto Almeida**

Especialista em contas públicas

a dúvida. Quando sobe, ela incomoda as pessoas, especialmente quando está concentrada nos alimentos, como agora.

Schwartsman lembra que cerca de 20% do orçamento das famílias são destinados à alimentação. O IPCA acumulado até março está em 6,15%. Já os preços de hortaliças e verduras subiram 20,19% no mesmo período. No caso do leite longa vida, a alta foi de 9,33% e da carne, de 10,9%.

### POLÍTICA EXPANSIONISTA SE REFLETE NA INFLAÇÃO

O governo tem feito questão de falar publicamente sobre o problema inflacionário, garantindo que o IPCA não ficará acima do teto da meta e apontando o problema nos alimentos como algo passageiro. O ministro da Fazenda, Guido Mantega, tem dito publicamente que o índice vai desacelerar nos próximos meses.

Segundo ele, o câmbio também será um fator de alívio sobre a inflação nos próximos meses, uma vez que o real tem ficado estável em relação ao dólar. No ano passado, com a disparada da moeda americana por causa de turbulências no mercado financeiro, os produtos importados ficaram mais caros e ajudaram o IPCA a subir.

Schwartsman ressalta, no entanto, que o fato de o governo vir realizando uma política fiscal expansionista — com aumentos nos gastos e superávits primários mais baixos — é um fator que afeta a vida dos brasileiros. Isso dificulta o trabalho do Banco Central no controle da inflação

e favorece o aumento de preços.

— O fator fiscal se reflete na inflação — destaca o economista.

Este ano, o compromisso do governo é realizar um superávit primário de R\$ 99 bilhões, ou 1,9% do PIB. Essa missão, no entanto, não será nada fácil. Isso porque o governo tem dificuldades para obter receitas, ao mesmo tempo em que as despesas estão em alta. Além do gasto adicional de R\$ 1,3 bilhão que a equipe econômica terá que acomodar com o reajuste do Bolsa Família, o Tesouro Nacional vem sendo obrigado a socorrer o setor elétrico, prejudicado pela falta de chuvas — que obriga as distribuidoras a usarem a energia térmica (mais cara que a hidrelétrica) e pela necessidade de comprar energia mais cara no mercado à vista.

Para garantir que os indicadores positivos da economia fiquem em evidência durante a campanha eleitoral, Dilma já orientou seus ministros a destacarem que a inflação está desacelerando e que mais de 20 milhões de empregos foram criados desde 2003, quando o PT assumiu o comando do país. O governo também destaca que houve um aumento importante no número de pessoas que hoje fazem parte da chamada classe média. Foi isso o que Mantega fez na semana passada ao participar de seminário na Câmara dos Deputados. Segundo o ministro, o governo está conseguindo construir um “Estado de bem estar social” apesar da crise que ainda afeta a economia internacional. ■